

Ndzila

ECONOMIA & NEGÓCIOS

EDIÇÃO 3 - AGOSTO



"JÁ TEMOS MODELOS DE SUCESSO, COM A VENDA DE MÚSICA ATRAVÉS DE PLATAFORMAS DE STREAMING NO PAÍS"

ELL PUTU



**VERÓNICA MADUA
A VENCEDORA DO
MOZA WOMAN 2022**

VERÓNICA MADUA



**DEPOIS DO ENSINO
TÉCNICO PROFISSIONAL E
SUPERIOR, IPS ESTENDE-
SE PARA ENSINO PRÉ-
ESCOLAR**

PROF. DOUTOR LOURENÇO DO ROSÁRIO

UMA MULHER VÁRIAS EMPREENDEDORAS **MODY MALEIANE**

FIGURA DO MÊS



FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO GERAL: LETÍCIA MACHAVA

PRODUÇÃO EXECUTIVA: SIMÃO DJEDJE

REDACÇÃO & REVISÃO LINGUÍSTICA: DANIEL JACINTO E CRATYLUS - SERVIÇOS LINGUÍSTICOS

REPÓRTERES: CLÁUDIA NHANCASSA

FOTOGRAFIA: DIGI PUBLICIDADE

DESIGN & PAGINAÇÃO: DIGI PUBLICIDADE

IMPRESSÃO & ACABAMENTO: DIGI PUBLICIDADE



01

FIGURA DO MÊS - MODY MALEIANE UMA MULHER VÁRIAS EMPREENDEDORAS

CONTEÚDOS



02

INDÚSTRIAS CRIATIVAS E CULTURAIS - ELL PUTO

"Já temos modelos de sucesso, com a venda de música através de plataformas de streaming no país"

03

GRANDE ENTREVISTA - PROF. DOUTOR LOURENÇO DO ROSÁRIO

Depois do Ensino Técnico Profissional e Superior, IPS estende-se para ensino pré-escolar

04

ENTREVISTA INFORMATIVA - REANIMAÇÃO DO SECTOR DO TURISMO:

"O Turismo é uma alternativa para Moçambique elevar-se no ranking global".

05

ENTREVISTA - ABDUL REMANE(D.G ALFANDEGAS)

"O despachante aduaneiro sempre será necessário"

06

ENTREVISTA - CLOTILDE CHIVAMBO

"É hora de Moçambique usar a educação para o desenvolvimento económico"

07

PORTAL DO EMPREENDEDOR - AQUINO NAIR (ORANGE CONNERS)

Todos os candidatos já inscritos, que totalizam 35, serão financiados com o valor de 50 mil meticais, logo no início do programa.

08

CRÓNICA

"Quando mais ninguém te pode empregar"

09

CAFÉ EMPREENDEDOR - VERÓNICA MADUA

Com quantos cabelos crespos se constrói uma crespolândia?

10

START UP GROWTH - LUTEA MAGAIA

Mentes Sustentáveis - "Queremos incorporar um painel solar nas mochilas, que funcionarão como lanterna"

11

EDUCAÇÃO FINANCEIRA - LOURENA MACHADO

"O País só vai evoluir quando o conhecimento sobre a educação financeira for democratizado"



FIGURA DO MÊS

UMA MULHER

VÁRIAS EMPREENDEDORAS

MODY MALEIANE

Mody Maleiane é uma jornalista, Web designer e empreendedora. Na sua caminhada, passou por jornais e por revistas, como o jornal O Nacional, Revista ÍDOLO, na qual desempenhou as funções de editor executivo, para além de ter sido oficial de marketing digital na Ariella Boats.

Foi, também, jornalista correspondente da Revista MACAU, em Moçambique, e registou passagem pelo Jornal Notícias.

A sua caminhada, no mundo do empreendedorismo, iniciou em 2016, com o lançamento da Revista Biografia, fundação do site evangelístico "Chave de Davi", em 2018, e da loja online "O Ardina Digital". Os projectos foram concebidos ao lado do seu amigo, Deanof Potompuanha.

Fora a comunicação, Mody possui dotes para a área da beleza estética, embora tenha sido por pouco tempo, uma vez que, depois disso, resolveu viver outros desafios.

De cabeleireira a Presidente e Vice-Presidente de várias organizações de renome, o que veio a confirmar mais uma vez que o optimismo de Mody e a vontade de fazer algo diferente, que pudesse, de forma directa ou indirecta, contribuir para o desenvolvimento da sociedade sejam enormes. A sua primeira experiência como Presidente foi na Associação ICEF, ligada ao empoderamento feminino. De seguida, foi nomeada Vice-Presidente do pelouro da mulher e empreendedorismo da CTA, Presidente do Pelouro de Género e sector informal na CCM - Câmara de Comércio de Moçambique, na qual exerceu o papel durante dois anos. Em 2021, participou das eleições da CCM-2021, na qual foi eleita Vice-Presidente da CCM.



Actualmente, Mody é reconhecida como representante do empreendedorismo em Moçambique. Embora revele não ser fácil implementar suas ideias ou iniciativas de activismo no país.

“Não é fácil, por mais que a gente tente ser criativo, implementando novas ideias. Enfrentamos várias situações que impedem o fluir das actividades económicas”

“Só para dar um exemplo, a ICEF, para desenvolver melhor as suas iniciativas, precisa de

recursos materiais e financeiros para poder alavancar os serviços e produtos de mulheres empreendedoras”

Fora as áreas supracitadas neste artigo, a empreendedora tem investimentos, também, na área de seguros, onde exerce o papel de correctora, como sócia, onde emitem **“todo tipo de seguros Vida-Não vida. Estou na área de Microcrédito, uma operadora de créditos que tem como objectivo financiar mulheres com pequenos projectos. Actuo na área de restauração, num café, na área de interior designer, na INEMPARTE”**. Participa, também, como accionista em algumas micro e pequenas empresas ligadas à Educação.

Tendo em conta a sua experiência, acredita que as mulheres podem unir-se para dar um impulso a seus projectos, uma vez que acredita que o associativismo é uma ferramenta muito poderosa para se alcançar grandes objectivos e se vencer certos obstáculos e desafios. “As mulheres podem unir esforços e dar ênfase às cadeias de valores, pois, só assim podem crescer nos seus projectos pessoais. Se, de forma coordenada, todas mulheres prestarem e venderem os seus serviços e produtos, todas saem a ganhar”.

“O conselho que dou a toda mulher empreendedora é que sim, vamos empreender, mas não nos esqueçamos do nosso papel na família, no lar e na sociedade”.

A Criação Ideias e Conteúdos de Empreendedorismo Feminino (ICEF), empresa em que ocupa o cargo de presidente, foi criada em 2018, trazendo para o mundo um conceito inovador, que vem unir e agregar valor às iniciativas das mulheres que apostam no desenvolvimento de ideias, com visão de empreendedorismo, tornando os projectos efectivos, sustentáveis e de sucesso. A ICEF é uma ramificação dos seus

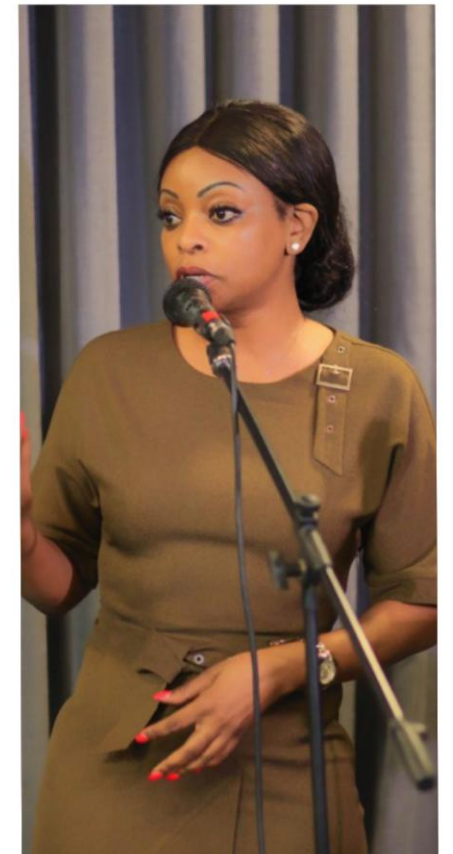


objectivos enquanto mulher empreendedora.

A plataforma entende o empreendedorismo feminino como uma ferramenta que empodera as mulheres e confere-lhes visibilidade, apoio e consolidação, oferecendo financiamento de soluções relacionadas ao universo feminino, dentro das tendências tecnológicas, mas sem ignorar a realidade das comunidades. **“Por isso, temos sempre o cuidado de desenvolver programas que se adequam às zonas abrangidas pelos nossos planos, e procuramos, sempre, criar condições de capacitar (se for o caso) as mulheres beneficiárias, para que elas se possam adaptar às novas tendências e exigências”**

Na ICEF, segundo revelou Mody, existem vários momentos marcantes, que sempre farão parte da organização. Realizámos com sucesso alguns programas, como a Campanha audiovisual contra gravidez precoce, o programa “Somos a diferença”, Concurso Mulher+ e Projecto AGRO+.

Na CTA, onde ocupa o cargo de Vice-Presidente do Pelouro da Mulher e Empreendedorismo, desenvolve acções que têm por objectivo garantir a promoção da mulher e de jovens empreendedores, através de workshops e outros eventos de promoção e divulgação de produtos e serviços. Uma das suas grandes realizações foi a

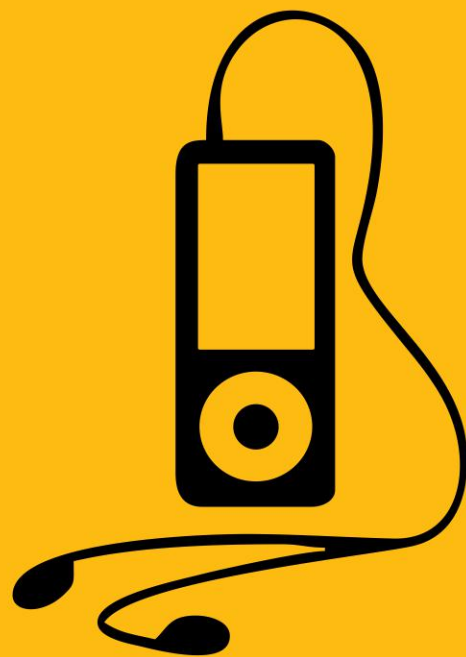


Mulher & Negócios, que visa oferecer oportunidades de networking e desenvolvimento organizacional para mulheres empreendedoras.



INDÚSTRIAS CULTURAIS & CRIATIVAS

ECONOMIA DA MÚSICA ONLINE



“Já temos modelos de sucesso com a venda de música através de plataformas de streaming no país”

ELL PUTO

Ell Puto é o pseudónimo de Etivaldo Joaquim, produtor, rapper e empresário moçambicano, co-fundador da Sameblood Productions. Ell Puto nasceu a 8 de Julho de 1989. Actualmente, é vice-presidente do pelouro da Cultura da Associação de Pequenas e Médias Empresas (APME).

O vice-presidente recebeu a Ndzila em seus estúdios, onde conversámos sobre a nova modalidade de negócio na área do entretenimento, com foco na música e na economia da música online.

Ell Puto é artista profissional com carreira internacional. Considerando a sua experiência, como olha para os novos modelos de negócio da música, cuja tendência aponta para o uso das plataformas de serviços de disponibilização de músicas online?

São ferramentas que vieram para ajudar a melhorar o controlo ao nível de metas, perceber o alcance do artista e aumentar a sua fonte de rendimento. Em Moçambique, o caminho deste novo modelo de negócios ainda não é longo. Temos muitas coisas a melhorar.

Graças a internet, estamos mais expostos ao mundo e podemos vender nossos produtos sem fronteiras, pois alcançamos mais pessoas. Esta tem sido a aposta de quase todos os artistas no momento.

Como um produtor musical experiente, em contacto com artistas de vários eixos, como é que um artista moçambicano pode vender a sua arte?

Pronto! Costumo fazer uma comparação. Quando alguém tem a cura de uma doença e não divulga, não terá como ajudar as pessoas, então o primeiro passo é divulgar que nós temos a cura da doença, que é a música. Ela cura doenças da cabeça e do coração. O que temos de fazer para vender é divulgar, através dos canais de divulgação convencionais, Rádio e Televisão e, actualmente, Internet.

De seguida, deve-se monetizar as músicas, através das plataformas digitais. As redes sociais servem de montra para o nosso produto, então, através delas, conseguimos conduzir ou canalizar consumidores para as plataformas digitais, que geram rendimento para o artista.

Que vantagens podem advir deste novo padrão de consumo de música sob ponto de vista da internacionalização?

A maior vantagem, neste momento, é a exposição que temos. Há 10 ou 15 anos, não conseguíamos falar com 15 mil pessoas ao mesmo tempo, mas agora é possível, por conta das redes sociais. Um exemplo prático disso é a música do DJ Tarico, "Yaba Buluku". Em um espaço de 2 meses após seu lançamento, a música viralizou e chegou a várias pessoas através do TikTok. Chegou, inclusive, aos ouvidos de Burna Boy.

Tudo isso aconteceu por causa das redes sociais, que possuem métricas que nos permitem ver e medir o alcance dos nossos produtos. Ou seja, podemos provar com números que, realmente, existe uma oportunidade para tornar o mercado rentável. Assim, concluo que esta nova forma de estar só vem agregar valor para todos nós; é uma ferramenta que todos nós temos de usar com criatividade e inovação, por forma a alcançarmos os nossos objectivos.

Considerando o nosso contexto e as nossas diferenças culturais enquanto usuários, qual é o impacto do consumo via Streaming no comportamento do consumidor de música local?

Estamos numa fase embrionária. Quando falamos de plataformas de Streaming, temos de questionar qual é o primeiro passo para se ter acesso a estas plataformas? É ter um dispositivo para as aceder e esse dispositivo, por sua vez, precisa aceder à internet. Daí fazemos um estudo: quantas pessoas têm acesso e usam a internet em Moçambique? Então, o cenário de Moçambique reduz as nossas possibilidades, o que nos faz continuar a recorrer aos meios convencionais. Contudo, estamos a crescer a um bom ritmo. A telefonia móvel

também está a crescer. A economia não fica para trás. Logo, cada vez mais pessoas vão usando a internet, aumentando o poder de compra.

Hoje em dia existem telefones de quase todos os preços e as pessoas já se estão a familiarizar com a prática de escutar música online. As telefonias favorecem promovendo pacotes que permitem estar numa certa plataforma durante um certo tempo, a um custo reduzido. Então, estamos a crescer e a caminhar a um bom ritmo. Nos próximos 10 anos, a conversa sobre o assunto será bem diferente, estaremos a oferecer mais e melhoradas soluções.

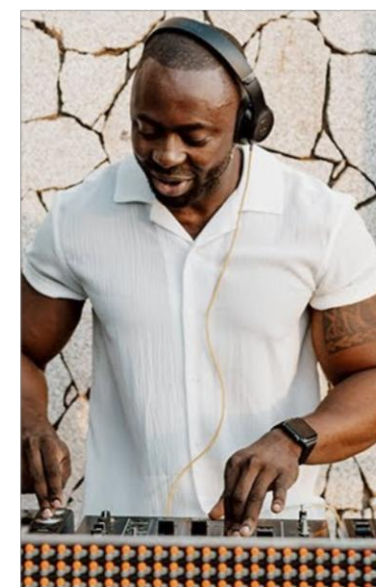
Temos de continuar a insistir na tecla e criar condições para que mais pessoas tenham acesso à internet em todas as zonas do país!

Que ganhos este novo padrão de venda e consumo de música digital pode agregar para a industrialização da música, bem como para a economia doméstica?

No que concerne à indústria, o maior ganho é poder medir o alcance do consumo de um certo produto. Isto permite desenvolver estratégias para aumentar o nosso alcance. Assim, quanto maior for o nosso alcance, mais ganhamos. Criamos novos postos de trabalho, atraímos mais negócios para o país, a indústria cultural cresce, entre outros.

Ao nível doméstico, com as plataformas de streaming cria-se uma pressão para que a nossa indústria seja organizada. Imagine que tenhamos um cenário no qual os artistas deixam de recorrer à rádio e à televisão para divulgar e vender seus trabalhos, porque não estão a receber aquilo que devem ou merecem receber, e passam só a investir nas plataformas digitais. Os meios tradicionais vão sofrer. Automaticamente, cria-se uma pressão e uma revolução na indústria, de tal modo que todos se vão organizar da melhor forma possível, para se controlar os ganhos dos artistas. Eles continuam a disponibilizar seus trabalhos na Rádio e na Televisão, mas tudo de maneira equilibrada. E todos saem a ganhar.

Se por ventura as plataformas digitais se tornam mais rentáveis que a Rádio e a Televisão, os artistas param de recorrer aos meios convencionais. Este cenário abre portas para os novos artistas, uma vez que já não precisam recorrer à televisão para mostrar seus trabalhos.



"Existe uma grande fragilidade no registo das empresas criativas em Moçambique e isso precisa ser ultrapassado para o desenvolvimento desta área" - Eli Puto

Sabemos que foi nomeado, muito recentemente, para as funções de Vice-Presidente do Pelouro da Cultura da Associação de Pequenas e Médias Empresas (APME). Que contributo espera trazer para a indústria cultural e criativa em Moçambique, sob ponto de vista de transformação lucrativa para a economia doméstica?

Um dos desafios que encontramos na indústria criativa é o registo do nosso negócio. Faltam categorias adequadas para o nosso eixo, então acabamos registando para algo aproximado, como a prestação de serviços. Isso revela a fragilidade que existe no registo de empresa. Deste modo, a associação de pequenas e médias empresas vem servir de base para essas empresas que não têm enquadramento. No fim do dia, as empresas criativas são pequenas e médias empresas. Infelizmente, ainda não temos colossos do entretenimento, grandes empresas que transcendem Moçambique. A associação é uma bengala para essas empresas, tendo em conta que, periodicamente, existe um valor que é disponibilizado pelo Estado para financiar certas áreas e, sempre que existir para a área da cultura, o meu pelouro deve intervir e fazer com que a cultura seja desenvolvida e cresça.



Mas é importante que as empresas estejam registadas no modelo proposto pelo governo. É benéfico para todos e afecta de forma directa a economia de Moçambique.

Para encerrar, que plataformas de distribuição de música existem, actualmente, em Moçambique, entre nacionais e internacionais de grande destaque e quais recomenda aos artistas?

As nacionais, recomendo a Mozik Play desenvolvida pelo rapper G2 e sua equipa, e o Meu Beat desenvolvido pela Movitel. Essas plataformas são vantajosas, pois oferecem soluções locais e afectam, directamente, os nossos bolsos, mudando a dinâmica da economia nacional.

Ao nível internacional, temos, agora, oficialmente, o Spotify, o Deezer e a Apple Music. Essas são as mais usadas, mas existem tantas outras que as pessoas vêm usando.

“É hora de Moçambique usar a educação para o desenvolvimento económico”

CLOTILDE CHIVAMBO (VICE-PRESIDENTE DA CADE)

A cidade de Maputo acolheu, entre os dias 21 e 23 de Julho, no Paços do Conselho Municipal, a XI Edição da Conferência e Feira Educa niMoçambique 2022, sob o lema: Desafios da Educação versus TIC, Exploração de Hidrocarbonetos e Empregabilidade dos Jovens. O evento anual é organizado pela Comunidade Académica para o Desenvolvimento (CADE).

A conferência cria momentos para debates e discussões dos mais variados temas e desafios enfrentados pelo sector da Educação no país, visando, essencialmente, o levantamento de propostas de soluções para a sua melhoria.

A Feira Internacional de Educação apresentou ofertas formativas e serviços educacionais, como forma de resolver um dos vários problemas dos jovens em Moçambique – a empregabilidade – e despertar interesse do governo em formar jovens em matérias ligadas à exploração de hidrocarbonetos. A Vice-Presidente da CADE, Clotilde Chivambo, conversou com a Ndzila, através da qual falou um pouco sobre a essência do evento Educa Moçambique, maior Feira e Conferência Internacional de Educação e Tecnologia, realizado em parceria com o governo e parceiros.

A vice-presidente faz uma avaliação positiva do desenvolvimento do país, quanto à Educação e à Tecnologia, mas ainda sente que o nível de empregabilidade não é dos desejados, de tal forma que a CADE pretende contribuir para que **“se tenha poucos moçambicanos desenquadrados e sem qualificação para a dinâmica**



social global, por meio de conhecimentos que lhes possam fortalecer, como parte integrante do desenvolvimento da nação”.

Quando questionada se os objectivos da CADE, desde a sua criação, foram alcançados, revelou que estaria “completamente equivocada, se concordasse que os desafios foram alcançados. A dinâmica global, os seus desafios sociais, entre outros, não permitem que nenhuma estratégia se considere consolidada e sem necessidade de aprimoramento constante” disse.

Clotilde considera que há muito trabalho a ser feito pela CADE, pelo Governo, pelas organizações nacionais e internacionais, em Moçambique, e por toda a sociedade que quer se ver libertada e a verdadeira dona dos seus recursos.

“É necessário haver pessoas qualificadas para investirem no país, numa visão futurista, olhando para os desafios que nos são colocados”

Para a Vice-Presidente, deve-se aumentar o número de quadros habilitados para contribuir no desenvolvimento do país, o que considera mais um desafio. “É chegada a hora da revolução. Todos, mas todos mesmo, somos chamados a contribuir e a CADE continuará a fazer o seu melhor para tal. Portanto, os objectivos ainda não foram alcançados. O esforço é contínuo e seguirá pela eternidade, mas devem ser ajustados às dinâmicas nacionais e globais de forma periódica”.

Mas, para tal, os jovens precisam estar preparados a todos os níveis para ocupar estes sectores, pois, até então, não estão preparados. Como nação, “poderíamos estar se tivéssemos, de forma mais séria, a partir do momento em que tomámos a decisão de abrir as oportunidades de exploração de gás, petróleo e minerais, desenvolvido uma acção de formação de quadros de terra,

a nível nacional e internacional, nestes sectores estratégicos, e promovido uma expansão do ensino técnico profissional”.

A estratégia apresentada pela vice-presidente é baseada na identificação de alunos com potencialidades, dotes especiais e apetrechamento tecnológico: “digo isso tendo em conta as possibilidades de investimento limitadas do país”, incentivando investimentos privados em escolas técnicas básicas e superiores, com foco principal, responder aos desafios que os investimentos, nestes sectores da nova economia nacional, colocam como requisito possuir quadros moçambicanos qualificados. Com tantas oportunidades que os sectores de gás, petróleo e mineração trazem ao país, “entristece-me que as universidades continuem a empurrar os nossos jovens a formarem-se em áreas irrelevantes para a realidade em que estamos hoje”. Segundo acredita a vice-presidente, actualmente, temos muitos formados sem emprego, porque não tem enquadramento, isso poderá gerar frustração e desequilíbrios sociais graves que podem descambar em revoltas evitáveis.

O ensino e os investimentos caminham de forma desalinhada e desajustada das dinâmicas nacionais e globais, o que coloca toda

uma esfera de desenvolvimento completamente dependente de habilitados estrangeiros. Isto deixa toda a nação como assistente na exploração dos seus recursos, o que é, sem dúvidas, frustrante e oferece, de bandeja aos investidores, oportunidades de pilhagem de recursos, por falta de quadros conhecedores da matéria, com capacidade de fiscalização dos seus bens.

“Quando falamos de empreendedorismo, estamos a falar, também, de desenvolver habilidades empreendedoras no seio dos jovens, dos moçambicanos, e isso significa divulgar oportunidades e necessidades de acordo com as dinâmicas locais para que os moçambicanos possam desenvolver soluções adequadas às novas dinâmicas”.



(GRANDE ENTREVISTA)

DEPOIS DO ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL E SUPERIOR, IPS ESTENDE- SE PARA ENSINO PRE-ESCOLAR

PROF. DOUTOR LOURENÇO DO ROSÁRIO (PRESIDENTE DA FUNDE)



A Fundação Universitária para o Desenvolvimento da Educação – FUNDE, que nasceu do projecto IPS, desenvolveu várias actividades ao nível do ensino superior, técnico profissional e, por fim, ao nível secundário. A FUNDE tem como objectivo tornar cada vez mais confortável e agradável o processo de ensino e aprendizagem, gerar empregabilidade e fornecer as ferramentas certas para o efeito

IPS era acompanhada da iniciativa ECO, criada com o objectivo de desenvolver trabalhos para a sociedade.

Mas, ao longo da sua implementação, encontraram-se algumas lacunas e dificuldades de crescimento, uma vez que o projecto IPS era privado e não podia entrar em actividades de carácter social, sem fins lucrativos. Para resolver este problema, resolveram criar uma entidade que pudesse responder a esses anseios, sobretudo ao que diz respeito ao desenvolvimento

da educação na comunidade e na sociedade. No mês de Agosto do ano em curso, a Fundação Universitária para o Desenvolvimento da Educação vai inaugurar o Centro Educativo Multidisciplinar – CEM. Para conhecermos a iniciativa, estivemos à conversa com o Presidente da FUNDE, Lourenço do Rosário, que, para além de falar um pouco sobre o projecto e sua relevância, reflectiu sobre assuntos ligados à educação na actualidade.

Senhor Presidente da Fundação Universitária para o Desenvolvimento da Educação – FUNDE, que avaliação faz em torno do tempo de existência, actividades desenvolvidas, impacto e relevância social da FUNDE?

Até aqui, o nosso maior projecto foi o de reassentamento das populações entre lagos, envolvidos pela Vale, na província de Tete, porque não houve nenhum estudo antropológico ou cultural para tentar urbanizar pessoas vindas de realidades diferentes. Isto gerou problemas sociais. Numa conversa com o CEO da Vale, revelei a nossa existência e a disposição para participar na área social do projecto. Deram-nos o projecto para participar como interveniente socio-cultural. Com a nossa ajuda, tudo correu muito bem e, ao longo de mais de 3 mil famílias, a Vale não teve nenhum problema.

Daí começamos a pensar que a fundação deveria dar mais um passo, ter intervenção social mais activa, por isso desenhamos o Centro Educativo Multidisciplinar – CEM, que vai tornar sustentável o projecto da fundação, porque vai complementar o projecto da IPS que, por sua vez, tem projectos para o ensino superior, técnico profissional e secundário.

A fundação tem pouco tempo de vida, mas tende a crescer. A pandemia de Covid-19 retraiu um pouco as nossas actividades, contudo estamos envolvidos num grande projecto do governo, no sector agrícola – O Projecto Sustenta – porque se reconhece que somos úteis em projectos sociais, somos capazes de direccionar as pessoas para que tornem suas actividades sustentáveis.

A Fundação Universitária para o Desenvolvimento da Educação – FUNDE vai inaugurar, em mês de Setembro do ano em curso, na Matola-Rio, um complexo ao qual chama Centro Educativo Multidisciplinar – CEM. Pode explicar-nos o que é o CEM?

O CEM é a unidade de actividade contínua da Fundação, que a mantém sustentável, porque os outros projectos têm prazos de 3 a 5 anos, ou seja, possuem início e fim. Então, a fundação não pode viver desses projectos, apesar de não terem fins lucrativos. O objectivo do CEM é tornar a fundação em algo que tenha sustentabilidade para o futuro.

A FUNDE é uma instituição de referência quando se fala de educar para desenvolver. Até que ponto o CEM é reflexo da visão, missão e valor da FUNDE?

Talvez não seja reflexo, mas a consequência lógica dos trabalhos que temos desenvolvido. Nós começamos por ir ao campo, desenvolver projectos para educação, saúde e outras áreas, mas não ficamos para ver os resultados.

O CEM é resultado das actividades que já temos nas universidades e no IMEP. Que significado tem esta realização para o Prof. Doutor Lourenço do Rosário, como Presidente da FUNDE e um dos precursores do ensino privado em Moçambique?

Sinto-me feliz por estar a fechar o ciclo. Há dois projectos que me deixam completamente orgulhoso: o facto de termos conseguido introduzir o doutoramento na nossa universidade, o topo de um projecto direccional, e termos introduzido a creche. Isto deixa-me muito confortável.



O que o CEM oferece de diferencial para o contexto moçambicano?

A concorrência é uma coisa, mas a concorrência desleal é outra. Isso é o que nós não queremos perseguir. Nós queremos algo que a comunidade vai apreciar pela qualidade material e intelectual que vamos oferecer. Esta é a melhor aposta que podem fazer. Quanto à projecção, pretendíamos ter um total de 200 estudantes. A pandemia trouxe-nos certas limitações, o que nos levou, apenas, a ter capacidade para 120. Quanto à localização geográfica, foi importante fazermos um levantamento alinhado ao nosso objectivo, que é estar perto das comunidades. Mas o preço do mercado não foi muito generoso e tivemos de desembolsar cerca de 700 mil dólares para a construção da infra-estrutura. Não esperamos um retorno a curto prazo.

Já foi designado o corpo directivo para a gestão do CEM, tendo em conta que, ao longo da primeira fase, funcionou uma equipa instaladora?

Está preparada a inscrição e início do ano lectivo, mas existe um prazo de 2 anos para definir-se o real corpo directivo, isso até 2024, uma vez que ainda estamos em teste. Normalmente, aqueles

que suportaram os desafios da comissão instaladora, acabam sendo confirmados como dirigentes e esperamos que isso aconteça com este corpo directivo

Pode revelar-nos se, como Presidente da FUNDE, tem mais algum sonho por concretizar no campo educativo?

Perspectivamos internacionalizar a instituição e tomar o nosso lugar no mercado, assim como ter grandes individualidades mundiais ao nosso lado, seja na área técnica ou política.

Que expectativa tem em relação à cerimónia inaugural do CEM e arranque formal das suas actividades?

Esperamos ter a presença de altas individualidades, que reconhecem o nosso contributo para o desenvolvimento do país, principalmente no ramo da educação. Isso mostra, mais uma vez, que nós participamos da agenda do Estado, apesar de sermos do sector privado. Então, a minha expectativa é que, no distrito de Boane, possam entender essa nossa postura.

Para terminar, como olha para as actuais políticas educativas e paradigmas do Sistema Nacional de Educação?

O Sistema Nacional de Educação e seus agentes representam o que há de mais sensível no país, porque são eles que determinam a qualidade da gestão do país, formando quadros qualificados que respondem às necessidades do país e seus vários sectores. Quanto mais frágil for este sector, do ponto de vista de postura e visão, mais complicada será a sociedade. Tudo se vai reflectir nos futuros profissionais. O que eu sinto, neste momento, é que todos nós temos responsabilidade. Não podemos lançar a culpa só para o governo. Há uma tendência de se culpar o governo pelas coisas que correm mal.



O SISTEMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO E SEUS AGENTES REPRESENTAM O QUE HÁ DE MAIS SENSÍVEL NO PAÍS PORQUE SÃO ELES QUE DETERMINAM A QUALIDADE DA GESTÃO DO PAÍS

**PROF. DOUTOR
LOURENÇO DO ROSÁRIO**

ENTREVISTA INFORMATIVA

REANIMAÇÃO DO SECTOR DO TURISMO

MARCO VAZ DOS ANJOS
DIRECTOR GERAL DO INATUR



"O Turismo é uma alternativa para Moçambique elevar-se no ranking global".

1. Após dois anos de retracção turística, qual é o estágio actual do sector de turismo no país?

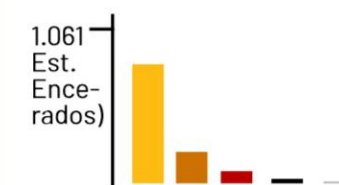
Com a crise da pandemia da COVID-19, o sector de turismo é um dos sectores mais afectados a nível mundial. Em Moçambique, a área do turismo é a mais afectada pela pandemia, com perdas de mais de 95% das suas receitas mensais., devidas às restrições impostas como parte das medidas de contenção da COVID 19.

A pandemia dizimou a indústria global de viagens praticamente da noite para o dia. As restrições de viagem devido ao surto de vírus resultaram em uma queda impressionante de 98% nas chegadas de turistas internacionais em maio de 2020 em comparação com o mesmo mês do ano anterior.

JUNHO DE 2020



- 6.897 estabelecimentos
- 1.061 estabelecimentos encerrados



- 690 Sector da restauração
- 277 Alojamento
- 64 Salas de dança
- 24 Agências de viagens
- 6 Salas de jogos

JUNHO DE 2020



- 10.799 Trabalhadores Afectados
- 53.841 Trabalhadores no activo

Contudo, a partir do segundo semestre de 2021 até o momento, gradualmente o sector de turismo está recuperando lentamente o seu nível de funcionamento.

Actualmente, as viagens domésticas estão liderando a recuperação do sector, pois o turismo de lazer aumentou em dezembro de 2021, as viagens corporativas e governamentais começaram a aumentar em fevereiro de 2022 e a necessidade de eventos e conferências a ser impulsionado.



No mercado internacional, actualmente Moçambique encontra-se em processo de se reposicionar com vista a tirar vantagens do crescimento do turismo que a OMT prevê para África Austral e fundamentalmente, porque Moçambique, é um dos principais destinos de praia da África Austral, que oferece um cenário de beleza impar e indiscutível e acrescidos a este produto, temos a combinação com as áreas de conservação para os apreciadores de safari e ainda a grande riqueza marinha, o povo acolhedor, o mosaico cultural, a gastronomia, o clima tropical, que fazem de Moçambique um destino de viagem especial, uma experiência que permanece com o visitante por toda a vida.

De referir que apesar da pandemia, o turismo em Moçambique vem apresentando um cenário favorável nos investimentos com estabelecimentos de hotelaria de grande padrão a serem abertos e consequentemente, perspectiva-se o aumento de postos de trabalho.

2. Como avalia a recuperação económica do sector e qual é a expectativa?

O sector produtivo do turismo foi negativamente impactado, tendo sido obrigado ao encerramento de empreendimentos turístico, estabelecimentos de restauração, redução da mão-de-obra, levando a grandes prejuízos económicos e financeiros, não apenas para o sector privado mas também para o sector público.

Entretanto, como forma de manter o destino Moçambique na mente dos turistas e visitantes e a preparar-se para a recuperação do sector, o Governo, através do Instituto Nacional do Turismo, realizou medidas de apoio ao sector, usando campanhas publicitárias de incentivo ao restabelecimento de viagens e de remarcação e não cancelamento da viagem, pois quando passasse a fase da pandemia, Moçambique estaria pronto para receber os turistas.

Nos últimos dois anos, houve uma recuperação do turismo nacional e internacional.

No presente exercício económico (2022), verifica-se a nível mundial o levantamento total das restrições impostas pela pandemia da COVID-19, permitindo assim, deslocações de pessoas e bens, o que traz grande esperança para o sector. Prevê-se melhores perspectivas para 2022, as viagens deverão recuperar para números acima de 50%. No entanto, espera-se que

as chegadas internacionais retornem aos níveis pré-pandemia em 2024 ou mais além.

As grandes esperanças relacionam-se com o desenvolvimento sustentável do destino, reflectindo-se nos resultados positivos para os empresários que investem neste sector e em ganhos em termos de receitas, emprego e na demanda do produto turístico pelos nacionais e estrangeiros.

Notar que o turismo em Moçambique está gradualmente a recuperar o seu potencial na economia nacional, o crescimento dos investimentos que ao longo dos anos anteriores a COVID 19 resultaram na expansão da capacidade de alojamento e dos serviços inerentes ao turismo e no melhoramento da qualidade do produto são factores que testemunham o futuro encorajador desta indústria no país.

3. O Turismo já foi um dos pilares da economia do país. Acredita que em algum momento o sector poderá voltar a sê-lo?

O INATUR, como braço executivo do Ministério da Cultura e Turismo, orienta a sua acção para alavancar a promoção do País enquanto destino turístico, e a sua missão e visão inserem-se no âmbito do Fomento do desenvolvimento do sector do Turismo em Moçambique, na melhoria da qualidade dos serviços turísticos prestados,

assim como a afirmação do País como destino turístico de referência na Região, através da angariação de investidores e operadores nacionais e internacionais.

O Turismo já foi um dos pilares da economia do País, e considerando as potencialidades turísticas do País, diria que continua a ser. O Turismo é uma alternativa para Moçambique elevar-se no ranking global. Mas para isso, é necessário trabalhar com afinco em cada um dos nossos destinos.

De nada adianta acertar no público que queremos atingir, e de nada adianta convencer os turistas a visitarem Moçambique, a conhecer os nossos belos destinos e atracções turísticas, se chegados no País, saírem desiludidos, e partilharem as más experiências. Assim, a responsabilidade de alavancar Moçambique é de todos nós.

Há ainda o desafio de reduzir a sazonalidade. É sabido que em virtude do seu potencial turístico, Moçambique oferece oportunidades de manter o turismo em alta durante todas as épocas do ano, uma vez que o inverno é ténue e curto, constituindo assim uma oportunidade real.

4. Quais serão a partir de agora as principais matrizes que o Turismo de Moçambique tenciona seguir para reerguer o sector?

O Ministério da Cultura e Turismo através do INATUR, I.P. concebeu o Selo de Qualidade "Limpo & Seguro", um mecanismo adoptado pelo Governo de Moçambique para certificar e confirmar que as entidades e serviços a nível do Sector da Cultura e Turismo, bem como os que directa ou indirectamente intervêm na área do turismo, cumprem rigorosamente com o Protocolo Sanitário validado pelo Ministério da Saúde no contexto da COVID-19.

O Governo procura estimular e motivar o moçambicano a movimentar-se, a viajar, a fazer turismo ca dentro. Em suma, a praticar o turismo doméstico.

Temos ainda a feira FIKANI Moçambique, Feira internacional do turismo, que é Coorganizado pelo MICULTUR/INATUR e sector privado, que tem em vista a promoção do turismo doméstico. Lembrar que (este ano irá realizar-se de 13 a 15 e Outubro de 2022.

Sem descurar as campanhas como "Conheça Moçambique" e "Sente Moçambique" que envolvem os jovens em actividades turísticas, excursões, que faça-os conhecer os produtos e serviços turísticos nacionais.

As parcerias regionais, tem sido também uma ferramenta para colocar Moçambique no Mundo, destacando-se as iniciativas East3route e Triland, que envolvem 3 países (Moçambique,

África do Sul e Swazilândia) que permitem promover acções conjuntas com vista a vender os três destinos como um só, fazendo a combinação de Praia, Safari e Cultura.

As campanhas nas plataformas digitais também serão

5. Qual é para si a prioridade absoluta para reanimar o sector e qual é o maior risco que se enfrenta?

- A criação do Selo Limpo e Seguro, referido anteriormente;
- A Introdução do Visto electrónico, considerando a situação económica do País e a actual Pandemia da COVID-19 que assola o mundo, em particular Moçambique, exige a busca de soluções cada vez mais urgentes, e tratando-se de um sector considerado prioritário para o desenvolvimento económico-social, conjugado com o facto de revelar alta capacidade de contribuir positivamente para a balança comercial, esta é uma das formas de incremento do fluxo turístico;
- A libertação do espaço aéreo e outras infra-estruturas de transporte são talvez o principal calcanhar de Aquiles de Moçambique. A abertura do espaço aéreo é querer corresponder aos padrões internacionais, esta liberalização dos sistemas de transporte aéreos vai ajudar a promover o turismo e outros sectores vitais da economia local.
- Outra estratégia seria a modernização e expansão de infra-estruturas aeroportuárias. A melhoria de infra-estrutura é um pré-requisito para alguns investidores e para abertura de rotas regionais que possam operar aeronaves modernas, destacando-se aos aviões de Jato.

- A aposta no “saber fazer”, isto é, a formação técnica profissional com vista garantir a qualidade de serviços prestados nas áreas operacionais da hotelaria, restauração e outros, em suma, formação de mão-de-obra especializada.

- Melhoramento de infra-estruturas, tal é o caso de vias de acesso e saneamento básico; redução da burocracia na tramitação dos projectos turísticos.

6. Muito se tem falado de sustentabilidade. O que é preciso para nos tornarmos num destino mais sustentável?

- Em todos os níveis, assumir-se a responsabilidade de proteger o meio ambiente, os recursos naturais e a vida selvagem.

- Proporcionar benefícios socioeconómicos para as comunidades que vivem em destinos turísticos

- Conservar o património cultural e criar uma experiência turística autêntica.

- Desenvolvimento de um turismo responsável e sustentável.

- Mobilizar os viajantes a minimizar a geração de resíduos e a causar um baixo impacto no meio ambiente

7. Já se nota o reflexo da guerra na Ucrânia na procura turística?

A guerra na Ucrânia adicionou pressão a um ambiente económico já desafiador e afectou fortemente a demanda de viagens. Com encerramento

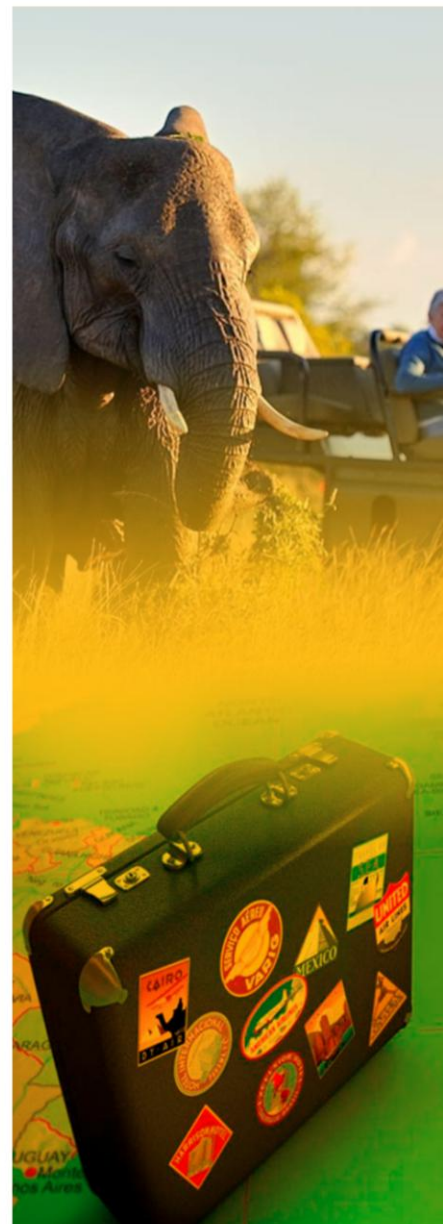
do espaço aéreo fechado, cancelamentos e incertezas sobre viagens para aquele destino.

Após dois anos de COVID 19, a invasão da Ucrânia pela Rússia e as sanções que se seguiram levaram a um novo nível de incerteza na indústria de viagens. Embora seja muito cedo para medir seu impacto na indústria do turismo, uma coisa é certa, esse conflito armado também prejudicará a época turística de muitos países em 2022, dado que em algum momento a Europa e a Rússia baniram as companhias aéreas no espaço aéreo, as passagens aéreas estão ficando mais caras, já que os preços dos combustíveis atingiram novos máximos devido ao conflito Rússia-Ucrânia. E de forma indirecta, os países da África, como Moçambique ficarão de certa forma impactados negativamente com a subida dos preços do combustível.

8. Para encerrar, o que acha que a pandemia trouxe de mudança para o turismo, principalmente para a hotelaria

- A pandemia COVID-19 mudou o comportamento do consumidor em todo o mundo, dado que introduziu preocupações em torno da economia, isto é, há mudanças no comportamento de gastos e saúde pessoal que levaram a replanificação de despesas

- .Maior preocupação com o bem-estar pessoal, dando-se preferência a destinos que transmitem confiança e assim, obrigaram a indústria de hotelaria a fazer mais investimento nos estabelecimentos;



- Introdução de cultura de prática de preços acessíveis para os nacionais e não só

- Reinventar-se a nível de promoção, apostando mais em marketing digital

- Reinventar-se para disponibilizar estadias envolvendo actividades físicas em espaços abertos/ar livre;

- Reinvenção de alguns negócios, novas ofertas, serviços e protocolos de segurança.

ANUNCIE AQUI



**MAIS DE 6 CANAIS
DE COMUNICAÇÃO**



**ALCANCE
+100 000 PESSOAS**



**LEITORES
ASSÍDUOS**

"O despachante aduaneiro sempre será necessário"

- ABDUL REMANE

DURANTE O TERCEIRO MÊS DO ANO EM CURSO, A PRESIDENTE DA AUTORIDADE TRIBUTÁRIA, AMÉLIA MUENDANE, ANUNCIOU QUE A INSTITUIÇÃO VAI RETIRAR A OBRIGATORIEDADE DE RECURSO AOS DESPACHANTES PARA DESEMBARÇO DE MERCADORIAS.



A Câmara dos Despachantes Aduaneiros considera que essa pretensão mina o Estado. Enquanto isso, a Autoridade Tributária (AT) acredita ser uma forma de eliminar todos os males fiscais que lesam o Estado, através da corrupção, nos vários pontos de entrada e saída do país, propiciando o crescimento do contrabando no país. **Esta prática molesta o Estado em mais de 61 mil milhões de Meticais, cerca de 12.6 por cento do valor do Produto Interno Bruto.**

Para melhor esclarecer o assunto, conversámos com o Director do Contencioso Aduaneiro, na Direcção Geral das Alfândegas, subordinada a AT, Abdul Remane. Segundo explica, a retirada do uso obrigatório do despachante não implica a sua eliminação do sistema. Com esta medida, pretende-se abrir espaço para que os representantes das empresas licenciadas para o processo de importação e exportação possam, através de um exame, adquirir conhecimento sobre o mercado e passar a fazer este processo por si só.

"Nós temos que separar duas coisas, processo fiscal e o desembaraço aduaneiro de mercadorias. Agora estamos a falar do segundo, que, com a

sua implementação, espera-se reduzir os custos e o tempo do processo de desembaraço aduaneiro e, também, reduzir os conflitos no momento da examinação e classificação das mercadorias, uma vez que o dono da mercadoria sabe o que está a trazer e vai declarar com clareza" disse Abdul, acrescentando que "na falta dos requisitos necessários, o importador será sancionado de forma directa".

A fonte foi questionada sobre o futuro que se pode antever em relação a esta classe profissional e dos formandos nesta área. A fonte revelou que, por enquanto, o sector não está preocupado com a classe. O entrevistado mostrou crença de que, numa fase inicial e por muito tempo, a figura do despachante aduaneiro ainda será indispensável para o processo de desembaraço aduaneiro, uma vez que acreditam que nem todos vão aderir a este processo, por envolver uma logística muito elevada.

"Vamos supor que uma empresa importa por via aérea, marítima ou terrestre, o despachante é que cria a logística necessária para atender a essas preocupações e necessidades. Contudo,

este processo está restrito a entidades licenciadas para importar e exportar, como as cooperativas, que terão de recorrer a um despachante".

O acordo de facilitação de comércio, aceite por Moçambique e outros países da região Austral e não só, obriga os países envolvidos a criarem formas de facilitar o comércio, aumentar a compreensão dos conhecimentos sobre o assunto, trazer soluções modernas para as Alfândegas e tomar outras medidas relacionadas, de forma a alinhar os países com as normas internacionais estabelecidas para o comércio. Daí que a fonte desmente a linha de pensamento segundo a qual as alfândegas estão contra o uso obrigatório da figura do despachante.

"As alfândegas são apenas um actor no meio deste processo de desembaraço aduaneiro. Isto envolve muitas outras entidades. Nós simplesmente cumprimos os acordos que os governantes assinam. As alfândegas não estão contra ninguém, vamos implementar o processo sem prejudicar a ninguém",

encerrou Abdul Remane.

DEIXA AS TUAS REDES SOCIAIS NAS MÃOS DE PROFISSIONAIS

WWW.DIGI.CO.MZ



DIGI START PACK

8 700mt

DIGI COMMUNITY PACK

16 700mt

DIGI EXCELLENCE PACK

28 700mt



PORTAL DO EMPREENDEDOR

AQUINO NAIR (ORANGE CORNERS)



O que significa para a Orange Corners transformar ideias em negócios sustentáveis?

Hoje em dia, há vários jovens que nos trazem ideias de negócios. Essas mesmas ideias precisam ser exploradas, para que, no futuro, a ideia se torne num negócio sustentável, que vai impactar o sector empreendedor no nosso país. Então, a Orange Corners está qui para exercer um papel importante no fornecimento de todas as ferramentas necessárias pra a realização dos seus ideais.

WWW.ORANGECORNERS.COM

Quais são as áreas de interesse da agremiação? E qual é a vossa extensão ao nível nacional?

Nós apostamos em diversas áreas, desde a área tecnológica à área da agricultura. Com pandemia, conseguimos incluir mais pessoas de outras províncias, refiro-me à província de Cabo Delgado e Niassa. Mas, agora, a nossa extensão tem recebido candidaturas de várias províncias e isso alegra-nos constantemente.

Que programas a Orange Corners está a executar, de forma a beneficiar os jovens empreendedores?

Agora desenvolvemos um evento que vai começar com um programa denominado Bus. Esta formação levará um período de 5 meses e pretende integrar os jovens, e conhecê-los melhor de modo a empregar as ferramentas. No final de tudo, far-se-á o lançamento, apesar de o dinheiro ser um calcanhar de Aquiles, quando se fala de empreendedorismo.

Sobre o financiamento, qual é a perspectiva sobre o financiamento que vão beneficiar?

Começámos a financiar no programa passado, em que recebemos trinta e cinco

candidatos. Desses trinta e cinco, todos eles são financiados com cinquenta mil meticais, logo no início do programa. Ao decorrer do negócio, os mesmos poderão ser premiados.

Quem se inscreve na Orange Corners no programa bus, automaticamente recebe os 50mil meticais?

Sim. O valor serve para garantir o início das suas ideias e as actividades do negócio.

O que se pretende alcançar com este modelo de programa?

Queremos alcançar um propósito, que é trazer uma solução, porque é no empreendedorismo que os jovens encontram uma forma de alcançar os seus objectivos e minimizar os problemas que impactam a nossa sociedade, como a pobreza e a falta de emprego. Portanto, com esta iniciativa, pretendemos trazer uma diferença, uma solução, especificamente para acamada juvenil.

Olhando para as experiências anteriores, qual tem sido o impacto da Orange na sociedade?

A formação de vários empreendedores. Há vários

empreendedores de sucesso, que saíram desse programa. Portanto, o programa tem causado impactos positivos na vida dos jovens, que não param de crescer nas suas vidas empresariais.

Quem pode participar do programa e quais são os benefícios que os envolvidos podem usufruir?

Temos um regime de uma faixa etária que vai dos 18 anos a 35 anos. E temos recebido jovens universitários. Estes são principais requisitos que permitem a participação dos jovens no programa da Orange. Quanto aos benefícios, estes são vários. Treinamos, aconselhamos e lançamos os jovens empreendedores, além do suporte e monitoria que ganham da nossa equipa.

Em jeito de desfecho, que conselho dá aos jovens empreendedores ou aqueles que pretendem engrenar no empreendedorismo?

É continuarem a olhar para as oportunidades, porque elas sempre existem. Uma delas é esta, que é uma iniciativa dos países baixos. Portanto, estamos aqui para ajudar os jovens empreendedores, a dar treinamento e financiamento. Para todo aquele que é jovem empreendedor, que se aproxime a Orange Corners.

FLOR

Flor de café



No seu alpendre rústico, preenchido de sofás de palha, orgulhosamente "Made in Moz", o Flor de Café oferece o local ideal para um pequeno-almoço refrescante e calmo em qualquer dia da semana ou, por outra, um copo descontraído com os amigos e os primos no fim de uma longa tarde de trabalho. Com um menu simples, porém diversificado e acessível, o Flor de Café serve desde saladas, massas e hambúrgueres à pratos do dia como feijoada, atum na brasa e strogonoff de frango. Mais do que alimentar o físico, o Flor de Café é o sítio a visitar para todo bom amante de arte, que poderá se deliciar na sua Galeria com rotação de exposições de artes plásticas e também com livros de escritores nacionais sempre à venda!

FLOR DE CAFÉ-27



TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIOS E VÍDEOS

Com profissionais de fonética e fonologia.



+258 842614857
+258 829278857



Comunique com sucesso!

Avenida Vladimir Lenine, 3454, Maputo-Moçambique

cratylus.info@yahoo.com

CRÓNICA

"QUANDO MAIS NINGUÉM TE PODE EMPREGAR"

POR: HÉLDER MANGUMO



O maior infortúnio que pode ocorrer a um desempregado activo é estar acometido por um dos piores pecados capitais: a preguiça. Olhando para a nossa realidade, o ponto de partida, quando sentimos que mais ninguém nos pode empregar, deve ser o de nunca nos rendermos de cumprir com as mais elementares das nossas obrigações, patenteadas na nossa saúde física, mental e espiritual.

A taxa de desemprego em Moçambique é das mais elevadas do mundo, entretanto, é notório como alguns dos nossos concidadãos de todas as faixas etárias, em meio às dificuldades, não cruzam os braços. Vemo-los nas ruas com rótulos de ambulantes vendedores, carregando, com eles, diversas ideias de venda, desde sovelas para cozer sapatos, inseticidas para matar ratos, afrodisíacos naturais para matar a impotência sexual e, até, limpadores de limpa-pára-brisas que se pagam quando se quer, ou seja, um negócio cujo pagamento é acordado ao critério da tua moral e boa disposição.

Cada uma dessas pessoas chegou ao seu limite e tomou consciência que deveria fazer algo. Soou-lhes o alarme que mais ninguém lhes pode empregar, independentemente de todas as batalhas que enfrentaram. Por outro lado, assiste-se, na arena política, à disseminação de informação de programas de emprego, cujo acesso é reputado transparente, inclusivo e democrático, sendo que, o sucesso dos mesmos, geralmente, tem efeitos meramente propagandísticos.

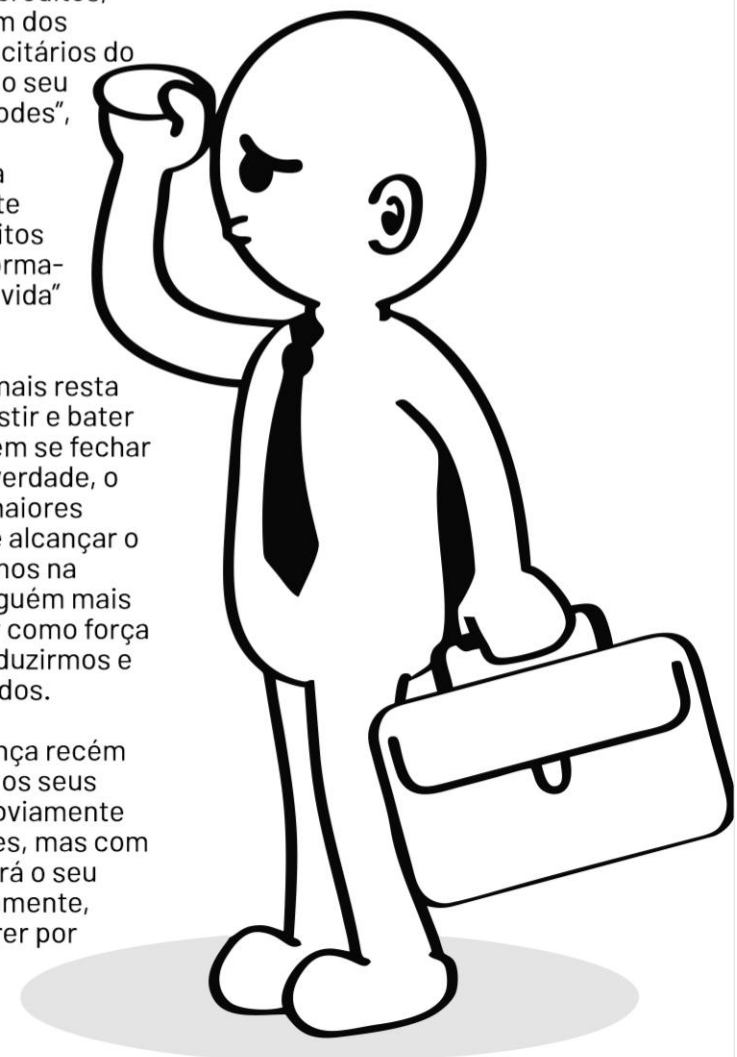
Ao colocarmos a lupa sobre as instituições de ensino superior, constata-se que as mesmas convidam os tabloides de maior circulação para anunciarem e replicarem, nas suas manchetes, as estatísticas de formados lançados como sementes ao mercado de emprego. Porém, o que surpreendentemente sucede, é o formado procurar emprego e apenas encontrar trabalho, daí frustrar-se com o facto, por ter absorvido a ideia de que iria germinar apenas no mercado do emprego e não ter observado, ao longo do percurso, que as plantas silvestres, afinal, tinham alguma serventia.

Relativamente à formação superior e aos seus créditos, Joaquim Lorente, um dos incontornáveis publicitários do mundo, considera, no seu livro intitulado "Tu Podes", que "hoje, um 'título académico sem uma metódica e constante actualização em muitos poucos anos transforma-se num papiro sem vida" (pág. 152, 2011).

Sendo assim, nada mais resta se não persistir, insistir e bater na porta que teima em se fechar a frente de nós. Na verdade, o fracasso é um dos maiores ingredientes para se alcançar o sucesso, se pensarmos na possibilidade de ninguém mais nos poder empregar como força motriz para nos conduzirmos e não sermos conduzidos.

Imaginem, uma criança recém nascida a tentar dar os seus primeiros passos, obviamente que cairá várias vezes, mas com o tempo, aperfeiçoará o seu andamento e, futuramente, passará a vida a correr por

todos os espaços vagos. Ninguém mais poderia andar por ele, se ele mesmo não caísse nos seus primeiros passos. **Quando mais ninguém te poder empregar, dá o teu primeiro passo sem medo da queda. A queda faz parte do processo.**



MOZAWOMAN

1ª EDIÇÃO - 2022



O empreendedorismo feminino compreende os negócios idealizados e comandados por uma ou mais mulheres e, também, as iniciativas de liderança feminina, incluindo a actuação das mulheres em altos cargos, dentro das empresas. Montar uma empresa, ser a dona do próprio negócio ou trabalhar por conta própria traz consigo suas dificuldades.

Para o quadro Café empreendedor, desta edição, contamos com Verónica Mandua, formada em Tricologia e Cosméticos, que faz parte das várias mulheres moçambicanas que resolveram empreender. A sua caminhada, no empreendedorismo, iniciou-se em 2019, numa época em que acabava de sair do seu primeiro emprego. A sua saída do antigo emprego abriu porta para que Verónica erguesse o seu império, a Crespolândia, que tem como principal actividade, a produção de cosméticos, com a formulação ideal para cabelo e pele.

CAFÉ EMPREENDEDOR

COM QUANTOS CABELOS CRESPOS SE CONSTRÓI UMA CRESPOLÂNDIA?

VERÓNICA MANDUA, A VENCEDORA DO MOZA WOMAN 2022

A empresa surge como resposta às necessidades que a empreendedora observou, durante alguns anos, e notou défice de produtos para cabelos Afro e Crespos.

Actualmente, a marca conta com cerca de 18 produtos. O destaque vai para o Óleo Bomba, criado para ajudar o cabelo a crescer, e Água de Rosas, que serve para a pele, bem como para o cabelo.

“É satisfatório criar seu auto-emprego e poder dar oportunidade de emprego a outros jovens” - Verónica Mandua

À conversa, nas instalações da Crespolândia, Verónica Mandua revelou o segredo e as dificuldades de se ser uma empreendedora de sucesso, em Moçambique e em África. Segundo contou, apesar de ser desafiador, orgulha-se, pois conseguiu consagrar-se num campo que ainda carece de exploração, “então, apesar das dificuldades, carrego um sentimento de gratidão pela possibilidade que encontrei, de

me tornar numa profissional, num ramo diferente do comum, na nossa sociedade, e por poder passar para outros jovens o pouco que sei sobre isso”.

Ao longo da sua carreira, Verónica descobriu que não podia fazer tudo sozinha, uma vez que, antes, acreditava que só ela fazia as coisas bem. Enfrentou dificuldade em passar as pastas de alguns sectores para terceiros.

Quanto aos desafios, Verónica enfrentou dificuldades em registar a marca, encontrar um espaço físico que respondesse às suas exigências, mas, acima de tudo, as questões financeiras foram o grande vilão da história. “A maior dificuldade de um jovem moçambicano em empreendedor é a financeira” confessou Verónica, acrescentando que admira a postura da mulher empreendedora moçambicana, por conta da sua persistência no mercado, algo que, segundo conta, pôde ver no concurso promovido pela Revista Nzдила, o Moza Woman 2022, uma iniciativa que trouxe à tona o ranking das 10 empreendedoras de Moçambique.

Deste concurso, Verónica ocupou a primeira posição.

“Foi uma experiência boa e desafiadora, uma vez que não foi algo que concorri, mas sim nomeada. Fiquei feliz só de estar entre as 15 mulheres incríveis. Agora, ter ganhado também foi algo muito bom. Estou muito feliz, principalmente pelos votos que consegui arrecadar. Pude sentir o apoio das pessoas. Prémios como este incentivam-nos a trabalhar cada vez mais”.



STARTUP GROWTH

"Queremos incorporar um painel solar nas mochilas, que funcionarão como lanterna"



**LUTEA
MAGAIA**
FUNDADORA DA
MENTES SUSTENTÁVEIS

A Ndzila esteve à conversa com a Mentes Sustentáveis (MS), uma agremiação moçambicana que promove a Educação Ambiental. Mentes sustentáveis surge em 2019, através da iniciativa de profissionais ligados à agronomia e ao meio ambiente. A motivação inicial para a criação da Mentes Sustentáveis foi o interesse de trabalhar com a educação ambiental e levar a informação às pessoas, principalmente àquelas que não têm informações sobre o que são problemas ambientais e o que se pode fazer para promover um ambiente mais saudável.

De acordo com a representante da Agremiação, Lutea Magaia, nas vésperas da sua criação, o projecto começou na modalidade online, onde identificaram a necessidade de também trazer alternativas e produtos que ajudassem as pessoas a produzir uma quantidade de lixo. Foi com isso que se começou a produzir propriedades ecológicas, como baldes de bambu, sacolas utilizáveis e outros utensílios. Em 2020, o trabalho da Mentes Sustentáveis foi ligeiramente comprometido, mas conseguiram se manter firmes e continuar a participar de vários debates. Em 2021, foi o ano em que grupo começou a ter oportunidades para realizar palestras e workshops sobre educação ambiental, nas escolas e nas empresas. Perguntada sobre a presença da MS ao nível das comunidades, a nossa convidada afirmou que, até ao momento, a agremiação actua apenas em Maputo.

A Ndzila quis saber da MS, até que ponto ela sente que tem contribuído para a protecção do meio ambiente. De acordo com a representante, há questões que estão um pouco enraizadas e que nós, como seres humanos, carregamos há muitos anos e não temos consciência do impacto dessas concepções sobre o meio ambiente. Por exemplo, a escolha de produtos que nós usamos. De onde é que são? De que são feitos? Depois de usá-los, como é que devo descartar?



"Nós, seres humanos, contribuímos negativamente para o meio ambiente, através da forma como usamos os produtos".

A MS avança que o lixo não é descartado de forma correcta e nos locais mais apropriados. Por outro lado, ainda, existem os ataques que ocorrem ao ambiente, nas zonas rurais, como as queimadas descontroladas, os abates de árvores, e outros.

A entrevistada acredita que essas sejam algumas das constatações mais claras de que o cidadão tem contribuído para a destruição do meio ambiente.

**A Ndzila questionou a MS
sobre as realizações
concretas do projecto,
aquelas que envolvem o
público e o beneficia.**

Em termos práticos, a nossa entrevistada indicou, por um lado, a criação de produtos que salvaguardam a saúde ambiental e, por outro, a promoção da educação ambiental. Sobre o primeiro lado, a MS apontou as palhinhas de bambu, fabricados em Moçambique e utilizados em restaurantes moçambicanos, como tentativa, também, de contribuir para a economia nacional.

Ao nível da educação ambiental, a MS revelou que ainda não tem muitos trabalhos realizados, mas que já tiveram alguns programas com a embaixada de Holanda, uma escola privada, em Maputo, e uma empresa, em Ressano Garcia. Estes são os pinos realizados com os trabalhos no âmbito da educação ambiental.

"O primeiro produto que queremos trazer são as mochilas feitas de saco plástico, levar às crianças que não podem comprar o material escolar, e incorporar um painel solar nas mochilas, que funcionarão como lanterna"

Lutea Magaia foi distinguida como a melhor mulher empreendedora do ano, em Moçambique. A Ndzila quis colher da entrevistada, a sua reacção. Segundo a mesma, trata-se de uma nova vertente, que a Mentes Sustentáveis está a abraçar e está em fase inicial.

Mas, existe o propósito de se criar uma marca dentro da MS, que será responsável pela criação de produtos reciclados. No momento, a MS possui produtos que ajudam a reduzir o lixo, mas, o propósito é também trazer solução para o lixo que já existe. Nesse sentido, segundo a entrevistada "o primeiro produto que queremos trazer são as mochilas feitas de saco plástico, cujo objectivo é levar às crianças que não podem comprar o material escolar, por conta dos custos e, ainda, incorporar um painel solar nas mochilas, que funcionarão como lanterna". Durante o trajecto de casa para a escola, os painéis serão carregados através do sol. À volta para casa, já de noite, possam ligar a lanterna para iluminar a caminhada ou o interior da casa, no caso de não haver corrente eléctrica, partilhou a representante da MS.

Questionada sobre a existência de alguma parceria para a criação dos seus produtos, a entrevistada revelou que, naquele momento, a sua equipa estava a trabalhar com uma outra empresa virada à sustentabilidade, designada KASSUNGA. A parceria está numa fase inicial, declarou a nossa convidada, mas que, com o financiamento que receberam da Total, estão a tentar investir para que o produto final esteja disponível.

Ao nível do gerenciamento de lucros, a nossa convidada manifestou o interesse de ajudar, também, as empresas que estão à procura de iniciativas no âmbito de responsabilidade social, que podem apoiar as comunidades, através destes produtos. Portanto, o principal objectivo da MS é de gerar impacto social na vida das crianças e contribuir para a retenção de crianças nas escolas.

A Total distinguiu a Mentes Sustentáveis como a startup do ano. A Ndzila indagou se a distinção abriu algumas portas para o projecto, pelo que a entrevistada afirmou: "sim, trouxe. Acreditamos que nos ajudou a firmar o nosso nome no mercado. Hoje, quando nos aproximamos de algumas entidades, que mostram já nos conhecerem, isso eleva a nossa confiança". Mas, para além disso, a MS tem estado a fazer muito networking com as pessoas que se aproximam.

Já no fim da entrevista, a MS revelou os seus projectos na manga: a reciclagem. "Temos uma visão clara de que não queremos parar com a iniciativa e queremos, cada vez mais, trazer soluções e alternativas para cuidarmos do meio ambiente", declarou a convidada. Quanto aos projectos futuros, um deles é criação de um centro, não especificamente de reciclagem,

mas de resíduos, que poderão ser tratados e transformados em produtos, com utilidades e valores. Esse é um dos projectos partilhados pela MS.

Ao pedido da Ndzila, Lutea Magaia deixou uma palavra de encorajamento às mulheres moçambicanas, como uma mulher empreendedora do ano:

**"Mulheres, tenham
coragem e acreditem
nos vossos sonhos
e capacidades.
Arrisquem. Sigam
em frente. Nada se
encontra 100 %
pronto, mas são os
pequenos passos
que tornam os
100 % possíveis. "**

EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UM BICHO DE 7 CABEÇAS EM MOÇAMBIQUE

"O PAÍS SÓ VAI EVOLUIR QUANDO O CONHECIMENTO SOBRE A EDUCAÇÃO FINANCEIRA FOR DEMOCRATIZADO" – LOURENA MACHADO

educação financeira é uma característica essencial para aqueles que desejam estar com as contas em dia e com um dinheiro sobrando, mas, sabe-se que vai além de apenas desejar, é necessário que se planeie o financiamento, a organização e o seu futuro a curto, médio e longo prazo, o que, às vezes, necessita de conhecimentos específicos que podem ser adquiridos de um profissional.

Lourena Machado, especialista em Educação Financeira e Coordenadora na Unidade de Internet Banking e Mobile do BCI (Banco Comercial e de Investimentos), acredita que, com a educação financeira certa, pode-se impulsionar as habilidades e as atitudes de poupança na comunidade universitária, porque se assiste a uma comunidade que despende recursos de forma incontrolável, por conta da falta da educação financeira. Na sua óptica, deve-se passar estes ensinamentos ainda no ensino primária.



"Mas há um porém: ensinar as crianças de hoje não quer dizer que vamos mudar a atitude dos adultos de amanhã. Então, para qualquer informação que passamos, devemos garantir que se torne cultura a partir de casa" disse Lourena à nossa equipa e acrescentou que detalhes como apagar as luzes, não ter filtrações nas torneiras e não deixar ligados os aparelhos que não estejamos a usar fazem parte da poupança financeira.

"Existem casas com dois ou três carros, mas acredito que se se coordenasse as horas de uso, poder-se-ia poupar melhor. O mesmo acontece com as Tvs, mas é tudo uma questão de cultura, que precisamos mudar, é necessário um trabalho de base".

Neste sentido, torna-se importante alertar a todos, desde a classe baixa à alta, que o mau uso dos recursos financeiros tem consequências drásticas. Para tal, é importante trabalhar a parte emocional relacionada aos gastos e a "forma de mudar isso é falar do dinheiro ao nível da escola, criar debates, essa seria a minha primeira visão, educar em nichos de pessoas".

"A poupança de dinheiro não é só dinheiro, também são recursos"

- Lourena Machado

Segundo defende a especialista em Educação Financeira, o assunto do dinheiro, em Moçambique, e não só, ainda é um tabu, diferente de outras culturas e povos, onde quanto menos recursos a pessoa gastar, melhor ainda. Aqui as pessoas estão focadas em gastar cada vez mais, pois acredita-se que esse comportamento caracteriza as pessoas que vivem melhor. "Nós ainda vivemos num estágio em que queremos ter 3 vivendas, uma casa com 3 andares e carros de último lançamento".

Fazendo uma análise sobre os hábitos moçambicanos que vão em contramão aos bons hábitos

da Educação Financeira, a nossa entrevistada tocou em um tema que divide as águas na sociedade. Segundo defendeu, o número elevado de membros nas famílias, assim como o alto número de filhos que uma dada família possui pode reduzir a qualidade de vida da mesma. Com este exemplo, a especialista mostra que a Educação Financeira não está só ligada ao dinheiro, daí ser necessário conscientizar as pessoas sobre as vantagens e as desvantagens de se abandonar certas práticas, de acordo com as suas realidades.

Quanto às propostas que os estabelecimentos de ensino podem adoptar para se educar os estudantes, de modo a serem mais racionais no uso dos recursos de que dispõem, cumprindo com as regras da educação financeira, Lourena sugere que o primeiro passo seja a implementação de disciplinas ou cadeiras viradas à educação financeira. No fim, deve-se produzir um relatório de conclusão. Esta é uma ótima estratégia de passar para os alunos e estudantes o espírito financeiro.

"Frequentemente, na nossa sociedade, solicitamos que as pessoas façam coisas, às vezes importantes, mas nunca explicamos o porquê, nem a importância de tal solicitação. Por isso as pessoas negligenciam tais ordens. Porém, quando explicamos a importância das coisas, alcançamos os resultados desejados".

Com o custo de vida cada vez mais alto, Lourena constata que está cada vez mais difícil, embora necessário, fazer gastos certos e economizar. Neste cenário, a especialista olha para o "xitique" como uma das formas eficazes de economizar, no contexto da realidade moçambicana. Neste sistema, existe garantia de retorno no fim de cada período estipulado e há promoção do espírito de companheirismo entre as pessoas. Lourena Machado partilhou que uma das suas maiores metas, na actualidade, é desenvolver uma plataforma que vai ajudar as pessoas a organizar suas vidas financeiras. Elas podem colocar as suas metas e perspectivas de vida, dentre outros requisitos que serão exigidos, por forma a serem direccionadas a melhores formas de concretizar seus objectivos, de forma segura, como já fazem outros bancos e plataformas no mundo.



A NDZILA AGRADECE AO APOIO E COLABORAÇÃO DE:

